

## AURÉLIO: SINÔNIMO DE DICIONÁRIO?

Maria Tereza Camargo BIDERMAN<sup>1</sup>

- RESUMO: Relatam-se as atividades lexicográficas de A. B. de Holanda Ferreira como lexicógrafo, antes de elaborar seu famoso dicionário quando foi colaborador, principal editor e revisor do *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, dicionário esse que antecedeu o *Aurélio* como principal fonte de consulta para os brasileiros de 1938 a 1975. São examinadas algumas críticas feitas ao *Aurélio*, mostrando-se a pertinência de tais críticas. Examina-se a nomenclatura do *Aurélio* para mostrar a impropriedade de critérios na seleção das palavras-entrada. Analisa-se, a seguir, a microestrutura dos verbetes, particularmente a definição, a ordenação das acepções em palavras polissêmicas, bem como critérios inadequados na discriminação de palavras homônimas.
- PALAVRAS-CHAVE: Dicionário *Aurélio*; nomenclatura ou macroestrutura do dicionário; microestrutura do dicionário; análise de verbetes.

"Os dicionários são como os relógios: o pior é melhor do que nenhum, e nem do melhor se pode esperar que seja totalmente exato."

(Samuel Johnson)

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil – mtbider@attglobal.net.

## À guisa de introdução

O dicionarista Luft, já falecido, entendia que nem Aurélio nem Houaiss dispunham de formação lingüística para fazer um dicionário ideal. Infelizmente isso é verdade. Neste artigo vou revisitar críticas já anteriormente feitas ao dicionário *Aurélio* e tentar explicitar por que esse juízo é verdadeiro.

Alguns reclamam da falta de datação no *Aurélio*; eu diria que seria bom que o dicionarista tivesse incluído essa informação; contudo, não devemos nos esquecer de que ao tempo em que Aurélio redigia seu dicionário (1ª edição), a obra de Cunha ainda não fora publicada, embora a de seu congênera José Pedro Machado já estivesse impressa há quase vinte anos. Contudo, esse dicionário etimológico não teria ajudado muito Aurélio nesse aspecto e mesmo as datações do dicionário de Cunha são discutíveis em numerosos casos. Não me vou alongar quanto ao tema da etimologia e da datação dos primeiros registros das palavras. Não me parece justo cobrar isso do *Aurélio*. De fato, o português ainda precisa de muitos e profundos estudos sobre a história do seu vocabulário para que um dicionário possa registrar com fidedignidade informações que o *Oxford*, o *Robert* e outros dicionários de línguas das nações mais avançadas documentam.

Mesmo na primeira edição (1975) em que Aurélio incluía uma introdução, ele pouco esclarece sobre critérios por ele adotados na confecção de seu dicionário. Queixa-se, sim: da ingloria sina dos dicionaristas.

dói pensar que o por vezes super-humano esforço de um dicionarista pode terminar com as mais indesejáveis conseqüências físicas, compensação intelectual bem pouco aliciante e resultados financeiros não demasiado expressivos.

A seguir, reporto algumas das explicações/informações dadas por Aurélio sobre critérios e metodologia utilizados na confecção do seu dicionário.

1. Pretendeu-se fazer um dicionário médio, ou inframédio, etimológico, com razoável contingente vocabular (bem mais de cem mil verbetes e subverbetes), atualizado (dentro dos seus limites), atento não só à língua dos escritores (muito especialmente os modernos, mas sem desprezo, que seria pueril, dos clássicos), senão também à língua dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, ao falar do povo, aos linguajares diversos – regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, giriescos...

2. Entre os autores, dos mais *desvairados gêneros* [grifo nosso], figuram com certa frequência, os cronistas, por se mostrarem, em maior ou menor grau, bons espelhos da língua viva. São, aliás, vários deles, mestres da prosa dos nossos dias.

Neste prefácio, Aurélio se justifica por copiar dicionaristas que o antecederam afirmando ser isso inevitável. Informa ainda que seguiu critério do *Diccionario* da Real Academia Espanhola no capítulo relativo à fraseologia. Se a unidade fraseológica contivesse um substantivo, ela vinha inserida no verbete deste substantivo, como por exemplo, *ação entre amigos em ação, pôr a mão na consciência em mão*. Na seqüência, deu preferência em ordem hierárquica a: verbo, adjetivo, pronome e advérbio. Informa também que seu dicionário contém abundante sinonímia, registrando, igualmente, homônimos, parônimos e antônimos. Quanto à regência verbal, procurou abonar sistematicamente os usos enquanto transitivos diretos etc.; enfim, qualquer que fosse a regência do verbo.

Curioso é Aurélio referir-se ao dicionário muitas vezes denominando-o de *léxico*.

Seguiu também o critério de seu modelo espanhol na separação de *homônimos*; por conseguinte, considerou como homônimos apenas os vocábulos que têm um étimo diferente, como é o caso de *acorde* (do fr. *accord*) e *acorde* (de *acordar*).

Modestamente ele se intitula um "aprendiz de lexicografia".

Registra-se a permanência de muitas palavras já desusadas (obsoletas) e exclusivamente literárias e a inclusão de um grande número de neologismos e estrangeirismos, sobretudo de origem inglesa.

Na segunda edição (1986), Aurélio não forneceu nenhuma informação sobre os procedimentos na revisão, ampliação e atualização do seu dicionário. Disse apenas que essa edição é 35% mais copiosa do que a primeira. De modo geral, podemos afirmar que o *Aurélio* carece de uma porta de acesso fundamental em uma obra lexicográfica, sobretudo esta segunda edição: a explicitação dos critérios adotados para elaborar a obra quanto a vários parâmetros de natureza lingüística e lexicológica. De partida, falta algo básico: em que critério de palavra se baseou para elaborar a lista das palavras-entrada ou nomenclatura? Muitas vezes as lexias complexas são registradas no interior de outro verbete como subentrada quando deveria constituir um lema do dicionário.

Ora, na sociedade brasileira, o *Aurélio* vem funcionando como um dicionário padrão, que estabelece a norma lingüística e lexicológica, embora não tenha sido essa a pretensão do autor.

Quanto à ortografia, a nova edição do *Aurélio* não se ajustou completamente às prescrições do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, publicado em 1981 pela Academia Brasileira de Letras.

A segunda edição contém 1.838 páginas (399 a mais que na primeira edição). Dela consta um Prefácio da Editora Nova Fronteira onde se diz que o dicionário possui cerca de 120 mil verbetes, 300 mil abonações literárias (que abrangem 770 autores e 1.610 obras) e 500 mil sinônimos. Claudia Zavaglia<sup>2</sup> levantou os seguintes dados: a edição de 1996 contém: 115.243 verbetes, menos portanto do que afirmam os editores.

As versões eletrônicas são de 1994 e de 1996. Diz-se na capa do CD-ROM que ele contém mais de 130 mil verbetes. Nenhuma dessas versões informatizadas difere em conteúdo da edição impressa de 1986. A afirmação dos editores com relação ao número de verbetes não é exata.

Durante vinte anos, estimulada pelo mestre, a equipe de Aurélio imbuu-se de paixão pela tarefa de coletar palavras para o dicionário. Algumas de suas colaboradoras coletavam palavras em toda parte como faz um colecionador apaixonado, qualquer que seja o objeto dessa coleção. Até mesmo gírias típicas do Rio de Janeiro (onde trabalhavam); de fato, o Rio poderia receber o prêmio de capital nacional da gíria. E foi certamente com "sangue, suor e lágrimas", como chegou a dizer um de seus colaboradores, que essa obra foi concluída.

Antônio José Sandmann, num artigo intitulado "Críticas ao *Aurélio*" de 1990, mostra as impropriedades, incorreções do dicionário do ponto de vista da *Morfologia*, particularmente na questão relativa à formação de palavras em português.

O verbo *-ada*, por exemplo. O dicionarista não dá a origem, criando um impasse, já que esse é seu critério para dirimir dúvidas em relação a formas homônimas concorrentes. Vale a pena citar Sandmann (1990, p.292) na íntegra:

mesmo adotando o critério etimológico, é difícil tratar num mesmo verbo um elemento que faz de um verbo um substantivo (caminhar + -ada = caminhada) e um elemento que faz de um substantivo um outro substantivo, a semântica é, em geral muito diversa; goiabada, exemplo de produto alimentar, e boiada, exemplo de coletivo. Críticas menores seriam que ele não

---

2 Professora da UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto [comunicação pessoal].

registra a variante popular e de conteúdo em geral depreciativo -arada (ho-marada, netarada, veadorada) e quando diz que o sufixo -ada expressa “ação” ele se esquece de dizer que muitas vezes essa ação é breve: (dar uma) estudada/passeada, além de não dar a semântica exata do sufixo -ada em churrascada, cervejada e chopada, “reunião em que se come/bebe churrasco/cerveja/chope”.

Outro problema morfológico posto por Sandmann: a questão dos compostos. O critério semântico permite diferenciar a lexia complexa do sintagma não lexicalizado. Assim, *copo-de-leite* e *bóia-fria* são compostos ou lexias complexas e devem, portanto, ser grafados com hífen, como faz Aurélio. Sandmann critica o fato de Aurélio não ter considerado como compostos e, portanto, unidades léxicas: *peso-médio*, *peso-pesado*, *nome-de-guerra*, *dona-de-casa*, *dia-de-semana*, *ovelha-negra*, *zero-à-esquerda*. Por outro lado, Aurélio considerou como sintagmas lexicalizados *trem-bala*, *peixe-espada*, *banho-maria*, com base em critério sintático. E continua Sandmann: “Se esse critério é válido e o próprio Aurélio tem como norma segui-lo, pergunto por que o dicionarista não grafa *efeito-estufa* e *operação-tartaruga*, mas omite o hífen e não dá a essas seqüências tratamento de verbetes autônomos?” (1990, p.291). Uma justificativa para a incoerência apontada por Sandmann radica no fato de Aurélio ter elaborado seu dicionário antes do processo de lexicalização se ter consolidado; isso é evidente para os dois últimos itens lexicais referidos: *efeito-estufa* e *operação-tartaruga*. Concordo com Sandmann que, uma vez lexicalizada uma seqüência ou combinatória, o procedimento correto seria grafar com hífen, evidenciando a completude desse processo. A saber: nesse caso, teríamos não mais uma unidade discursiva, mas uma unidade lexical integrada no acervo do léxico português. É problemático, contudo, determinar este momento.

Também concordo com Sandmann quanto a incoerências no tratamento da homonímia *versus* polissemia. Parafraseando Sandmann: Aurélio distingue três entradas para o sufixo -ão:

Verbete: -ão

\* 1 -ão Suf. nom. 1. = ‘aumento’:

[Equiv.: -alhão, -arão, -(z)arrão, -eirão: espertalhão, grandalhão; casarão, homenzarrão, santarrão; boqueirão, toleirão.]

\* 2 -ão [Do lat. anu.] Suf. nom.

1. = ‘providência’, ‘origem’; ‘característica’; ‘ofício’, ‘profissão’; ‘relativo a’, ‘partidário de’, ‘adepto de’:

[Equiv.: -ano: romano (< lat. romanu), sergipano; ciceroniano (< lat. cicero-  
nianu, luterano).]

\* 3 -ão Suf. nom. 1. vernáculo = 'ação' ou 'resultado da ação':

[Equiv.: -ção (do lat. -tione) e -(s)são (do lat. (s)sione): nomeação (< lat. no-  
minatione); extensão (< lat. extensione), agressão (< lat. aggressione).]

Como lembra Sandmann, esse último homônimo do sufixo -ão não pode ser considerado como vernáculo; tampouco Aurélio esclarece a origem do primeiro homônimo, o que figura em vocábulos como *casarão*, *homenzarrão*.

Também concordo com as críticas ao critério "etimológico" emprestado à lexicografia tradicional e à Real Academia da Espanha na distinção dos homônimos. Assim Aurélio separou em três entradas: *canto*<sup>1</sup> [do gr. kanthós, pelo lat. canthu] X *canto*<sup>2</sup> [do lat. cantu.] X *canto*<sup>3</sup> [de origem incerta]. Inversamente *ponto*<sup>1</sup> [do lat. punctu] foi tratado como polissêmico com 44 acepções e 141 sintagmas lexicalizados ou cristalizados X *ponto*<sup>2</sup> [do grego póntos, pelo lat. pontu] Des. mar.

O critério identificador de unidades léxicas para distinguir *homônimos*, a saber, tomar o étimo como discriminador, levou Aurélio a cometer impropriedades semânticas. Em primeiro lugar, julgo que o dicionarista deve descrever o léxico ao nível da sincronia, e não da diacronia. Além disso, a inclusão dessa segunda entrada *ponto*<sup>2</sup> parece anacrônica e irrelevante. Não encontrei um só registro de tal significado em nossas imensas bases textuais do português contemporâneo (44 milhões de palavras). A rigor, trata-se de um nome próprio e não comum, logo não passível de ser registrado como pertencente ao léxico do português. Com a moderna lexicografia francesa, também considero que se devam distinguir os homônimos com base na semântica e não na etimologia. Por conseguinte, Aurélio deveria ter distinguido quatro homônimos de *ponto*. Vou citar apenas o sentido básico de cada um desses homônimos:

**ponto**<sup>1</sup> Porção do espaço designada com precisão; lugar.

**ponto**<sup>2</sup> Grau determinado numa escala de valores.

**ponto**<sup>3</sup> Cada parte de um discurso, texto, de uma lista de assuntos de um programa.

**ponto**<sup>4</sup> Cada extensão do fio de linha entre dois furos feitos por uma agulha.

Em um estudo muito interessante sobre "Homonímia e polissemia", Augusto Soares da Silva, professor da Universidade de Braga, também advoga as mesmas premissas teóricas.

O critério semântico da similaridade/dissimilaridade entre os significados é o critério mais adequado para a distinção entre a polissemia e a homonímia. E a análise sêmica seria o procedimento mais correto, na medida em que devemos distinguir a existência de semas comuns aos diversos significados de uma mesma palavra para identificar um fenômeno de polissemia. A existência ou não de semas específicos comuns (pelo menos um) estabeleceria a linha divisória entre polissemia e homonímia. Ao nível da teoria lexicológica, temos que manter essa distinção/oposição e servir-nos dela para discriminar homônimos de palavras polissêmicas e assim dicionarizar os lemas com um ou outro perfil. A despeito da enorme complexidade e sutileza de distinções a serem estabelecidas, critérios subsidiários de ordem morfológica e da teoria dos campos léxicos podem vir em socorro do dicionarista para que possa estabelecer com mais clareza e certeza tais oposições.

Assim, por exemplo, os homônimos *montar*<sup>1</sup> [= subir em um cavalo para cavalgar] X *montar*<sup>2</sup> [= pôr uma coisa para funcionar juntando todas as suas peças (ou seus elementos) de modo a formar um todo]. Derivado de *montar*<sup>1</sup> > *montaria*. Campo semântico de *montar*<sup>1</sup> inclui: *hipismo, equitação, cavalgar, galopar* etc. Derivado de *montar*<sup>2</sup>: *montagem, montador, montadora, desmontar*. Aurélio registra apenas um verbete, considerando todos os diversíssimos valores semânticos dessas duas palavras como acepções diferentes de um mesmo vocábulo.

O uso do critério etimológico levou Aurélio a incluir no mesmo verbete *poder* (verbo) e *poder* (substantivo), *mesmo* (adjetivo, substantivo e advérbio). Aliás, nesse último caso podemos ainda distinguir *mesmo* (denotador expressivo), o que nos levaria a discriminar quatro homônimos se considerarmos a função sintático-semântica e, portanto, categorial. Isso posto, teríamos: *poder*<sup>1</sup> (verbo), *poder*<sup>2</sup> (substantivo), *mesmo*<sup>1</sup> (adjetivo), *mesmo*<sup>2</sup> (substantivo), *mesmo*<sup>3</sup> (advérbio) e *mesmo*<sup>4</sup> (denotador expressivo). Conferir os exemplos:

- adjetivo: *As duas ganharam a mesma saia. Os dois falaram ao mesmo tempo.*
- substantivo: *Depois da doença, papai já não é mais o mesmo.*
- advérbio: *Vamos de qualquer maneira, mas vamos mesmo.* (ex. tirado do Aurélio). *Está chovendo; mesmo assim os jovens querem sair.*
- denotador expressivo: *Está tão triste que mesmo passear não a distrai. Ninguém, nem mesmo mamãe convence papai a comprar um carro novo.*

Claro está que há sutilezas um tanto complexas para distinguir. Contudo, quando estivermos diante de casos em que se põe uma ênfase

expressiva em um elemento da oração, como nesses dois últimos exemplos, não podemos falar de advérbios. Isso nos levaria a considerar quatro categorias léxico-gramaticais e logo quatro homônimos distintos.

Sandmann aponta ainda lacunas no que respeita o registro de sufixos, tais como: *-imo*, *-érrimo*, *-ésimo* e *-anca*. Encontrou também erros no *Aurélio*, tais como: *devassa* e *baixa* são deverbiais de *devassar* e *baixar* e não o feminino de *devasso* e *baixo*. *Mergulhão* (= pato que mergulha) não é aumentativo de *mergulho* mas agentivo formado de *mergulhar* + *-ão* como em *chorão*, *resmungão*.

## A nomenclatura do Aurélio

A *nomenclatura* do *Aurélio* é volumosa, embora seu autor tenha classificado seu dicionário como médio ou inframédio. De fato, o *Aurélio* se enquadra na categoria *dicionário geral da língua* ou "*tesouro*" com seus 115.243 verbetes. Esse total de palavras-entrada resultou do seguinte critério de seleção vocabular: um número enorme de termos técnico-científicos, regionalismos, palavras desusadas e obsoletas, assim como vocábulos literários raros. E mais ainda: a inclusão das denominações dos gentílicos de todos os municípios do Brasil, informação de interesse lexicográfico menor que poderia ter sido alistada num anexo, caso se julgasse relevante tal informação para um dicionário de língua. Conferir: *aliacense* [natural de Aliança, PE], *andaraiense* [natural de Andaraí, BA], *areia-branquense* [natural de Areia Branca, RN], *fabricianense* [natural de Coronel Fabriciano, MG], *jacareiense* [natural de Jacaré, SP], *mambucabense* [natural de Mambucaba, RJ], *raul-soarense* [natural de de Raul Soares, MG], *reboucense* [natural de Rebouças, PR], *recreense* [natural de de Recreio, MG], *sousense* [natural de Sousa, PB] etc.

Registra também um elevado conjunto de lusitanismos. Creio que é possível até justificar essa cópia de lusitanismos, caso o dicionarista visasse fazer um "*tesouro*" do português. Entretanto, Aurélio pretendeu fazer um dicionário do português do Brasil. Esse tópico, aliás, é controverso em matéria de lexicografia. No caso de línguas que possuem duas ou mais variedades lingüísticas nacionais com normas lingüísticas diversas, deve o dicionário registrar as outras variedades que não a da comunidade nacional para a qual foi elaborado o dicionário? Os dicionários de língua inglesa costumam ser híbridos, embora se direcionem mais para uma ou outra comunidade nacional – assim os dicionários britâni-

cos (ex.: *Longman, Collins, Oxford, Cambridge*) registram vocábulos, usos e construções americanas, australianas, sul-africanas etc., assim como os americanos também o fazem. Os dicionários de espanhol têm prática semelhante relativamente às numerosas variedades latino-americanas, embora de modo menos sistemático que os de língua inglesa. No caso do português, pergunto-me se já estamos preparados cientificamente para assim agir, uma vez que as pesquisas léxicas sobre as variedades do português ainda são insuficientes e não estão disponíveis. Ao tempo em que Aurélio redigiu seu dicionário isso era incontestavelmente verdade. O que mestre Aurélio fez foi copiar dicionários que o antecederam, julgando-se obrigado a registrar informações que dicionaristas renomados como Morais, Aulete, F. Fernandes et al. catalogaram. Ou mesmo incluir palavras por causa de autores portugueses clássicos já documentadas em dicionários feitos do outro lado do Atlântico, tais como: Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Aquilino Ribeiro, Camões evidentemente, e muitos outros. Assim, com freqüência, deparamos com palavra-entrada e verbete correlato incluído pelo fato de esse vocábulo ter ocorrido sob a pena de um desses monstros sagrados da literatura. Essa questão da *autoridade* literária em matéria de língua merece uma reflexão. Aurélio é um típico herdeiro da lexicografia do passado, particularmente aquela fundada nos ideais classicizantes de um *Littre* e na ideologia da Real Academia Espanhola. Para eles, o vocabulário e os usos dos grandes nomes literários devem ser registrados e apresentados como modelos à comunidade dos falantes. Trata-se de um endeusamento do grande autor da língua por se considerar sua linguagem e seu estilo dignos de serem emulados e imitados. Modernamente, a lexicografia propõe uma nova atitude em face do acervo léxico da língua. O dicionário deve recolher e registrar o vocabulário em circulação em meio à comunidade dos falantes (evidentemente os mais educados, mas não apenas) e coletar essa *norma lingüística* para espelhar significados e usos, que não são necessariamente literários. Inversamente, devemos pôr de lado as idiossincrasias dos romancistas, poetas e escritores em geral, que muitas e muitas vezes criam palavras numa situação *ad hoc*, ou por razões exclusivamente estéticas e, via de regra, essas criações neológicas não se perpetuam em meio à comunidade dos falantes.

Vou dar um pequeno exemplo das afirmações que acabo de fazer relativamente à composição da *nomenclatura* do *Aurélio*. Veja-se uma seqüência qualquer de verbetes da letra **F**:

*fã, FAB, fabagela, fabela, fabiana, fabiano, fabordão, fábrica, fabricação, fabricante, fabricante, fabricário, fabricável, fabricianense, fabrico, fabricante, fabriqueteiro, fabriqueta, fabro, fábula, fabulação, fabulador, fabular, fabulário, fábulas, fabulista, fabulizar, fabuloso, faca, facada, fadista, facalhão, facalhoz, façalvo, façanha, façanheiro, façanheiro, façanhoso, façanhudo, facão, fação, facção, faccionar, faccionismo, facciosidade, faccionismo, faccioso, face, facear, facécia, facciosidade, facioso, faceira, faceiraço, faceirar, faceirice, faceiro, faceta, facetar, facetear, faceto, facha, fachada, facheada, fachear, facheiro, facheiro-preto, fachudaço, fachudo, facial, fácies, fácil, facilidade, facilidades, fácilimo, facilíssimo, facilitação, facilitar, facilitário, facilmente, facinora, facionar, facionário, faciosidade, faciosismo, facioso, facistol, facite, fã-clube, fac(o)-, facoccele, facóide, façóila, faconina, facopiose, facosclerose, facoscopia, facoscópico, facote, fac-simile, facticidade, factício, factitivo, factível, factótum, factual, façudo, fácula, faculdade, faculdades, facultar, facultativo, facultoso, facúndia, facundiar, facundidade, facundo, fada, fadado, fadar, fadário, fadejar, fadiga, fadiga-corrosão, fadigar, fadigoso, fading, fadista, fadistagem, fado, faéton, faetonte, faetontídeo, faetondídeos, fagácea, fagáceas, fagáceo, fagale, fagales, fagedênico, fagedenismo, fagedenoma, fagícola, fago-, fagocitário, fagócito, fagocitose, fagópiro, fagote etc.*

Examinemos esta lista de lemas do dicionário. Pesquisei essas 143 palavras em três grandes bases textuais por mim consultadas que vou discriminar a seguir. Primeiro *corpus* textual: cinco milhões de palavras de gêneros muito variados (romances, contos, peças teatrais, roteiros de filmes e telenovelas, obras variadíssimas de ciências e técnicas, discursos parlamentares e outros – num total de cerca de 500 textos de 1950 a 1995). Segundo *corpus*: um milhão de palavras da língua falada (diálogos, falas e entrevistas com falantes de um grande número de lugares do Brasil e de todas as faixas etárias e todos os níveis de escolaridade e não-escolaridade). Terceiro *corpus*: doze milhões de palavras que compõem todos os exemplares da revista *Veja* (1992-1995). Quarto *corpus*: 25 milhões de palavras do CD-ROM da *Folha de S. Paulo* de 1998 (todos os números diários completos desse jornal com todos os seus cadernos do ano de 1997). Esse gigantesco *corpus* totaliza, pois, 44 milhões de palavras. Acresce que esse formidável repositório vocabular estende-se de 1950 a 1997 e representa praticamente todas as modalidades discursivas com uma variedade imensa de tópicos conteudísticos. Tal *corpus* de controle é altamente representativo do português brasileiro contemporâneo em todas as suas modalidades.

Pois bem, vejamos quantos dos lemas incluídos por Aurélio na sequência referida não ocorreram neste *corpus*:

*fabagela, fabela, fabiana, fabiano, fabordão, fabricário, fabricável, fabricante, fabriqueta, fabro, fabular, fabulizar, facadista, facalhão, facalhoz, façalvo, façanheiro, façanhoso, façanhudo, faccionar, facciosidade, facear, faceiraço, faceirar, facheada, fachear, facheiro, facheiro-preto, fachudaço, fachudo, facilíssimo, facionar, facionário, faciosidade, faciosismo, facioso, facistol, facite, fac(o)-, facocele, facóide, façóila, faconina, facopiose, facosclerose, facoscopia, facoscópico, facote, factitivo, façudo, fácula, facultoso, facundiar, facundidade, facundo, fadejar, fadiga-corrosão, fading, fadistagem, faéton, faetonte, faetondideo, faetondideos, fagácea, fagáceas, fagáceo, fagale, fagales, fagedênico, fagedenismo, fagedenoma, fagicola, fago-, fagópiro.*

Logo, 76 palavras não ocorreram, o que representa um pouco mais da metade do total de 143 já referido.

Vemos assim que Aurélio incluiu muitos vocábulos que não estão em uso na comunidade dos falantes; inversamente, deixou de incluir outros que circulam na nossa sociedade. Não estou criticando apenas o fato de Aurélio incluir palavras muito raras no uso lingüístico, mas os critérios aleatórios para incluí-las. Na verdade, quando se ultrapassa um número médio (mas já bastante elevado) de lemas num dicionário, a saber – cinqüenta mil palavras-entrada –, os vocábulos acima desse valor já se situam no domínio de palavras muito raras em meio à comunidade dos falantes. De um lado, porque só são usados em áreas do conhecimento científico muito especializado; de outro, porque são desusadas e até obsoletas, ou porque são muito literárias e também exclusivas de um gênero cultivado por muito poucos. A única maneira de decidir quais palavras incluir ou não na *nomenclatura* de um dicionário é mediante o critério de freqüências, isto é, por meio de levantamentos estatísticos em grandes *corpora* muito diversificados como estes que já referi. Palavras de freqüência inferior a cinco e mais ainda *hapax legomena* (palavras que ocorreram apenas uma vez no *corpus*) devem ser descartadas, pois têm pouca utilidade para a sociedade em geral. Ora, um dicionário de língua geral destina-se ao grande público. Em minhas várias pesquisas de lexicoestatística constatei que os *hapax legomena* e as palavras de baixíssima freqüência caracterizam gêneros muito específicos como as numerosíssimas ramificações das ciências e das técnicas. Tais itens lexicais só deveriam entrar em um dicionário de língua geral de grande porte, a saber, um “tesouro” [de duzentos mil a quatrocentos mil verbetes]. Um índice de que um termo técnico-científico já tem interesse para a comunidade dos falantes é o fato de ele ter sido registrado pela linguagem jornalística, grande divulgadora da linguagem

técnico-científica. Ora, sucede que Aurélio privilegiou aleatoriamente alguns domínios científicos; eu diria especificamente a medicina e a botânica. Creio até que seus colaboradores nessas áreas eram pessoas muito zelosas e fizeram-lhe enormes listas de palavras, pois o Aurélio tem uma pletora de termos dessas áreas.

Vamos examinar de perto na lista do **F** apresentada vocábulos registrados por Aurélio e que não estão em uso.

Constituem termos técnico-científicos só usados em circunstâncias muito peculiares pelos especialistas: *fabagela* (botânica – planta), *fabiana* (botânica – arbusto), *façalvo* (veterinária ? – tipo de cavalo), *facheiro* e *facheiro-preto* (botânica), *facistol* (liturgia católica – grande estante no coro das igrejas para livros de cânticos), *facite* (medicina – inflamação no cristalino), *fac(o)-* (elemento grego de composição erudita usado na medicina), *faconina* (medicina – albuminóide do cristalino), *facopiose* e *facoscloerose* (patologia), *facoscopia* (medicina), *facoscópico* (medicina), *facote* (cirurgia), *factitivo* (lingüística), *fácula* (astronomia), *fadiga-corrosão* (engenharia industrial), *faetontídeo* (zoologia), *faetondídeos* (zoologia), *fagácea* e *fagáceas* (botânica), *fagáceo* (botânica), *fagale* e *fagales* (botânica), *fagedênico* (medicina), *fagedenismo* (medicina), *fagedenoma* (medicina), *fago-* (elemento grego de composição usado em termos eruditos), *fagópiro* (botânica). Vocábulos de uso muito literário e latinismos eruditos: *fabricário* (lat.), *fabricável* (lat.), *fabricheiro* (lat.), *fabro* (lat. e poético), *fabular*, *fabulizar*, *facalhão* (Aurélio cita Eça de Queirós), *facalhas* (Aurélio cita o escritor português Urbano Tavares Rodrigues), *façanhudo* (Aurélio cita Eça de Queirós); *faceirar* (Aurélio cita Coelho Neto); *facionar*, *facionário*, *faciosidade*, *faciosismo*, *facioso* – todos latinismos; *factício* (Aurélio cita Latino Coelho), *façudo* (Aurélio cita Camilo Castelo Branco); *facultoso* (lat.); *facundidade* (lat.); *facundo* (registrado em Camões), *faéton* (Aurélio cita Eça de Queirós); *faetonte* (Aurélio cita J. M. de Macedo).

Acontece também, muitas vezes, que Aurélio recolheu palavras em dicionários que o precederam sem indagar da pertinência de incluí-los. De fato, tais palavras são usadas? Ou são invenções do dicionarista? Ou, ainda, a palavra pode ter sido usada no passado mas tornou-se obsoleta. Exemplos dessa categoria na referida seqüência: *facear*, *facundiar*, *fadejar*, *fadistagem*, *fagícola*. Os três verbos *facear*, *facundiar* e *fadejar* foram provavelmente coletados no *Dicionário de verbos e regímes* de Francisco Fernandes. É possível que Aurélio tenha copiado também o *Aulete* e o *Morais*. O fato é que Fernandes costumava incluir verbos que eram meras virtualidades permitidas pelo sistema do portu-

guês, mas não registrados. Até mesmo o *Morais* (edição de 1813), mais cuidadoso, por vezes incorre nesse erro. E, claro, Fernandes o imita e Aurélio segue a ambos (caso de *fadejar*). Quanto a *fadistagem* (= vida de fadista) e *fagícola* (= que cresce ou vive sob as faias), são obviamente recolhidos de dicionários do português europeu. O *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora registra ambos. Por vezes, Aurélio engrossou seu caudal vocabular com gírias e termos populares, o que também é discutível, dada a efemeridade da gíria e seu particularismo diastrático e diatópico num país de imensas diversidades sociais e de dimensões continentais como o Brasil (cf. *fabiano*, *facadista*, *façanheiro*, *façanhoso*, *faceiraço*, *fachudaço*, *fachudo*, *facilíssimo*, *fabriqueta* etc.). Assim, vemos mestre Aurélio como alguém que caiu na teia da aranha e foi engolindo toda e qualquer palavra que se lhe aparecia sem passá-las por um crivo científico, a fim de decidir sobre sua inclusão ou não na nomenclatura de seu dicionário. Pode-se afirmar que para ele “se caiu na rede é peixe”.

Outra fonte do “inchaço” do Aurélio foram os *regionalismos*. Temos aqui o capítulo das unidades lexicais que Aurélio classificou como *brasileirismos*, seguido de uma marca regional ou não. Quando não incluía a marca regional é porque considerava a palavra como termo típico de todo o Brasil, ou *brasileirismo*. Tal classificação supõe que o dicionarista se coloca na perspectiva da norma lingüística européia. Para quem considera essa norma como padrão, ou *standard*, as peculiaridades do português brasileiro são *brasileirismos*.

Esse tópico povoou as discussões dos acadêmicos da centenária Academia Brasileira de Letras. Desde 1898, isto é, em seu primeiro ano de vida, a Academia sonhou com a publicação de um *Dicionário de brasileiroismos* para o que muito se empenhou seu presidente Machado de Assis. Josué Montello contou essa e outras histórias da Academia. Segundo ele, em 1927, Humberto de Campos criticou acerbamente a coletânea de *brasileirismos* que vinha sendo feita pelos acadêmicos, bem como sua qualidade “duvidosa”; em decorrência, foi suspensa a impressão desse dicionário e esse escritor encarregado de sua revisão. Mas Humberto de Campos morreu e não pôde concluir a obra. Em etapas sucessivas em 1936 e 1939, tentou-se prosseguir com a impressão da obra, de novo impugnada. Em 1951, o projeto foi retomado mas novamente posto de lado e, dessa feita, definitivamente. Os originais jazem sepultos na Academia Brasileira de Letras, enterrando assim definitivamente o sonho de Machado de Assis.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira colaborou na elaboração do *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP) desde a 6ª edição (1946) como seu principal editor e revisor, tendo escrito um *prefácio* para esse dicionário. Note-se que, no dicionário que leva o seu nome, Aurélio não teve essa mesma cautela científica. Nesse prefácio ele diz que colaborou na confecção do PDBLP desde a 3ª edição e muito especialmente nesta 6ª edição que reviu integralmente, tendo corrigido muitos erros das anteriores. Outra edição que Aurélio ampliou ainda mais e em que novamente discute os critérios adotados na revisão do PDBLP é a 9ª edição de 1951. Na última edição do PDBLP de 1967 (a 11ª edição) estão indicados todos os colaboradores. Diz-se aí que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, na 6ª e 9ª edições, foi responsável pelos *brasileirismos*, pela redação e pela parte geral. Vê-se, pois, que ele se tornou o *editor* do PDBLP. Num longo prefácio, Aurélio dá conta de seus critérios, correções e acréscimos. Vejamos, ao menos, o primeiro parágrafo:

Tendo colaborado neste Dicionário desde a 3ª edição – especialmente na sexta e na nona, e muito especialmente na atual, em que o submeti a uma revisão rigorosa, não apenas quanto à redação, mas ainda quanto ao método e à ortografia, e lhe acrescentei perto de *dez mil palavras* [grifo nosso] e aceções, entre as quais inúmeros *brasileirismos*, embora já fosse grande, para as proporções da obra, o trabalho feito em tal sentido nas impressões anteriores – pareceu-me necessário dar aqui alguns esclarecimentos acerca de correções por mim feitas e erros que se vêm repetindo em léxicos e vocabulários, inclusive os vocabulários oficiais, e de outros melhoramentos que procurei introduzir ou que, havendo sido introduzidos antes, busquei ampliar – além de elucidações de menor importância.

Infelizmente, essa foi a última edição do PDBLP por terem sido encerradas as atividades da Editora Civilização Brasileira por obra e graça da ditadura militar.

Relatei todos esses fatos sobre o PDBLP porque ele está certamente na gênese e no coração mesmo do *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira cuja primeira edição é de 1975, como já disse antes. Quando não mais se publicou o PDBLP os brasileiros se viram novamente órfãos de um dicionário de sua variedade lingüística. Assim, Aurélio pôde ocupar essa enorme lacuna deixada pela morte do PDBLP, o que explica em parte o grande sucesso do *Aurélio*. Ele repetiu o sucesso do PDBLP nas décadas de 1970, 1980 e 1990. E até hoje não foi realmente desbancado por nenhum outro dicionário de tipo geral ou “tesouro”. Isso se deve a vários fatores, e um deles é certamen-

te os méritos que possui. Como contei, Aurélio era o principal editor do PDBLP e, portanto, possuía todos os manuscritos e dados dessa obra que já vinha aperfeiçoando desde 1946 e 1951. Além disso, Aurélio era certamente um apaixonado pelas palavras e vinha recolhendo vocabulários e glossários desde longa data, assim como vocábulos recolhidos por toda parte. Um foco muito importante desse interesse foi certamente o vocabulário típico do português do Brasil. Ele próprio afirma isso como já transcrevi antes. Ora, sua obra final retrata exatamente isso. A parte dos *brasileirismos* é realmente substancial no *Aurélio*.

Dos 115.243 verbetes da edição de 1996, 24.632 entradas são rotuladas de *brasileirismos*. Portanto, quase um quarto do dicionário. Como disse anteriormente, Aurélio marca como *brasileirismo* geral alguns termos e apõe marcas regionais em outros vocábulos. Não vou reproduzir todos os dados, apenas referir alguns de totais mais numerosos. Assim, de algumas regiões e/ou estados do Brasil estão consignados:

Amazonas/Amazônia: 1.188 / Bahia: 869 / Minas Gerais: 653  
Norte: 591 / Nordeste: 1.464 / Pernambuco: 402  
Rio de Janeiro: 485 / R. G. do Sul: 1.389 / São Paulo: 774 etc.<sup>3</sup>

A professora Ana Maria P. P. de Oliveira (UFMG) defendeu uma tese de doutoramento intitulada *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Esse minucioso estudo baseado em extensa pesquisa, por mim orientada, centrou-se no dicionário *Aurélio*, extraindo dele todos os verbetes rotulados com essas marcas sociolingüísticas. Em sua tese, a professora analisa miudamente os dados do *Aurélio* e tenta extrair os critérios por ele adotados para examiná-los à luz da lingüística moderna. Constatamos que muitos senões existem nesse dicionário quanto a essa matéria, não sendo a menor delas o próprio critério de *brasileirismo*. De modo geral, Aurélio classificou como *brasileirismos* os signos que nomeiam os referentes da fauna e da flora do Brasil, ou seja, os *realia*. Frequentemente as denominações são indigenismos (tupinismos ou não), o que é normal. Aliás, os nativos do país já os haviam nomeado e os colonos portugueses e seus descendentes apenas os incorporaram ao seu acervo vocabular com a adequada adaptação à fonética/fonologia/ortografia do português. Ora, esse tipo de signo lingüístico pode ser denominado de *brasileirismo* mas evidentemente muitos deles incorporaram-se também ao português europeu, pois não

---

3 Dados fornecidos por Claudia Zavaglia, conforme nota 2.

é possível falar dessas realidades sem nomeá-las, e obviamente com o nome que aqui têm. Ademais, os indigenismos são um dos problemas do *Aurélio*, em virtude da imprecisão dos dados relativos à origem dessas palavras e sua configuração lingüística. Aliás, não se trata de um defeito apenas do *Aurélio*, pois qualquer dicionarista que tentar identificar o vocabulário brasileiro de origem indígena – sua etimologia e sua verdadeira forma lingüística (seu significante) –, ver-se-á a braços com uma tarefa monumental. De fato, os estudos sobre as línguas indígenas do Brasil, sobretudo nos séculos da colonização, são extremamente precários, não permitindo grande acurácia quanto à etimologia e à forma ideal dessas palavras. Serão precisos ainda muitíssimos trabalhos lingüísticos e filológicos para que possamos ter resultados fidedignos sobre essa matéria. Assim, não se pode atribuir muita confiança aos registros do *Aurélio* nesse tópico. Um problema seriíssimo é o das formas variantes que, em alguns casos, são muito numerosas. Pode-se formular a hipótese de que muitas são as procedências lingüísticas desses vocábulos; assim, as variantes atestariam formas procedentes de línguas diversas em diferentes pontos do território nacional pois designam o mesmo referente. Por exemplo: *abacataia*, *abacatucaia*, *aracangüira*, *abacátuxia*, *abacatina*, *aleto*, *aracambé*, *peixe-galo-do-brasil* – diferentes nomeações de um peixe das costas brasileiras; a formosa árvore símbolo de nossa flora: *ipê*, *ipé*, *peroba-amarela*, *peroba-do-campo*, *peúva*, *peúva-amarela*; o peixe de muitos rios brasileiros: *piaba*, *piabanha*, *pirapitinga*, *trapitinga*, *tarapitinga*, *piaba-rodoleira*; a deliciosa mandioca: *aipi*, *aipim*, *uaipi*, *macaxeira*, *mandioca-doce*, *mandioca-mansa*, *maniva*, *maniveira*; a ave do Pantanal: *anhuma*, *anhima*, *came-taú*, *cauintã*, *cavintau*, *cavintau*, *cuintau*, *inhaúma*, *inhuma* – e ainda com nomes latino/portugueses: *alicome*, *licorne*, *unicorne*, *unicórnio*. E vai por aí afora. O exemplário é imenso; citei apenas alguns vocábulos.

Um problema de grande relevância são as *fontes* em que Aurélio recolheu os *regionalismos* que registrou. A análise detalhada, feita pela Profa. Ana Maria e por mim própria, revelou que Aurélio usou como fontes qualquer glossário ou vocabulário que lhe veio ter às mãos. Pudemos elencar um número grande dessas obras produzidas em diversos pontos do território nacional (Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Ceará, Amazonas, Paraíba, Bahia, Pernambuco, São Paulo, Centro-Oeste, Goiás etc.) e publicadas em várias épocas a partir do século passado. O problema é que a qualidade científica dessas obras é questionável. Muitas dentre elas foram organizadas por curiosos e diletantes sem critério ne-

nhum. Não obstante, falta totalmente um controle objetivo para ajuizar da pertinência do registro. Por exemplo: qual seria a forma ou grafia melhor em alguns casos? A palavra ainda seria usada e qual a abrangência de seu uso? São vocábulos ocasionais ouvidos pelo recenseador da boca de alguém que o vocabulista registrou porque a julgou curiosa? Enfim, os problemas são muitos. Creio que Aurélio, amante das palavras e do vocabulário típico do Brasil *vis-à-vis* do português europeu, foi registrando tudo sem maiores escrúpulos. Ele também representava aquela geração dos acadêmicos e de seus agregados que, desde o início deste século, elegeram como ideal lingüístico e lexicográfico recolher os *brasileirismos* que representavam para eles naquela época a identidade do português brasileiro. O fato é que essa matéria tem que ser totalmente revista. O ideal científico seria fazer uma gigantesca pesquisa de campo em todos os recantos do Brasil e confrontar esses dados com os *brasileirismos* registrados por Aurélio e por todos os numerosos vocabulários, glossários e dicionários que deles se ocuparam.

Também contesto classificações sociolingüísticas de muitas dessas palavras feitas por Aurélio. Muita vez ele classificou como *brasileirismo* geral, isto é, palavra usada em todo o país, vocábulos que são, de fato, regionais, isto é, típicos de algumas regiões do país. Assim, não são de uso geral no país: *ajabô*, *acarajé*, *arroz-de-função*, *arroz-de-hauçá*, *cuscuz* (de tapioca), *furundum*, *librina*, *librinar*, *moqueca* etc. Ao tempo em que Aurélio escrevia seu dicionário – início da década de 1970 –, a fantástica homogeneização do português do Brasil promovida pelos meios de comunicação de massa estava apenas começando. Embora hoje possamos encontrar nos bons e caros restaurantes das grandes capitais do Brasil pratos regionais como o *acarajé*, o *cuscuz*, a *moqueca*, ainda assim eles não são menos regionais. O *cuscuz*, por exemplo. Aurélio dá como primeira definição: “1. Bras. Iguaria feita de farinha de milho (em geral graúda), ou de farinha de arroz, etc., cozida ao vapor”.

De fato, essa definição corresponde à base culinária desse prato que possui variantes regionais doces e salgadas. Ainda assim não creio que se deva considerar o *cuscuz* como *brasileirismo* geral. E o *cuscuz de tapioca*, classificado por Aurélio como *brasileirismo* e assim definido: “Bolo de farinha de tapioca, coco ralado e açúcar, embebidos em leite, e que não é cozido ou assado”, não é certamente *brasileirismo* geral. Se nordestinos que migraram para São Paulo cultivam esse hábito alimentar poder-se-á afirmar que o *cuscuz de tapioca* é “paulista”? Em São

Paulo (e em algumas regiões de Minas também) o *cusuz* é um prato salgado feito com camarão e peixe, ou eventualmente galinha.

A *moqueca* de peixe também, embora muito popular hoje em São Paulo, continua, contudo, a ser um prato regional baiano. E no Pará existe outra variedade, como registra Aurélio, a *poqueca* – variedade em relação ao referente e ao signo lingüístico que o nomeia. Não vou discutir aqui a complexa questão da origem e forma do termo *moqueca*, de origem tupi muito provavelmente, que representava originalmente uma maneira de cozinhar a carne, o alimento.

Já palavras como *paçoca* e *pirão*, creio que se possa afirmar que são *brasileirismos* gerais. Contudo, fica a pergunta: para que classificar como *brasileirismo* geral se a palavra é usada em todo o Brasil? Só se justificaria se o dicionarista visasse também como consulentes a portugueses (ou europeus que aprendem o português na Europa).

Inversamente, discordo de algumas restrições feitas por Aurélio. Assim a *cabidela* não está presente apenas no Nordeste e Portugal; é também comum em Minas Gerais, Rio de Janeiro e até São Paulo. É verdade que nesses três estados esse prato é também chamado de *frango* ou *galinha ao molho pardo*.

Hoje um fato social está tendo conseqüências imprevisíveis sobre a sociedade brasileira, seus costumes e sua linguagem: as intensas e imensas migrações internas. Desde o século passado vêm ocorrendo deslocamentos de habitantes de uma região para outra. Contudo, neste século e sobretudo a partir do surto desenvolvimentista dos anos 50 em diante, milhões de pessoas mudaram de seu hábitat original para outras regiões do Brasil, sendo o caso mais característico o verdadeiro êxodo de nordestinos para São Paulo num fluxo contínuo e ininterrupto. Mas além desses, também os gaúchos deixaram em massa seu estado de origem para se lançar na abertura de frentes de desenvolvimento no Brasil Central e na Bahia; cearenses foram para o Acre; paranaenses foram para Mato Grosso, mineiros foram para o Rio e Brasília, e assim por diante. É claro, porém, que o volume mais expressivo dessas migrações ocorreu depois que Aurélio recolheu seus dados (provavelmente antes da década de 1970). Contudo, esse fenômeno sociocultural está alterando profundamente as características das linguagens regionais no Brasil.

É necessário ressaltar também a fragilidade dos conceitos de classificação adotados por Aurélio para identificar *brasileirismos* e *regionalismos*. Não ignoro que se trata de matéria de grande complexidade e de difícil solução. Não vai ser fácil conceituar *regionalismo* de modo inequívoco e identificar os *regionalismos* e sua procedência. Em primeiro lugar,

porque para classificar um termo como *regionalismo* estamos admitindo que existe uma variante padrão que os falantes da comunidade em geral aceitam como tal. Proponho que se considere como variedade de referência e, portanto, como *português brasileiro padrão*, a variedade falada e escrita no eixo Rio-São Paulo, particularmente aquela usada nos grandes meios de comunicação de massa, a saber: as redes de televisão de alcance e audiência nacional como a TV Globo, o SBT a TV Cultura de São Paulo (caso de alguns programas: “Opinião Nacional”, “Castelo Rá-tim-bum”) e as principais revistas, alguns jornais do Rio e de São Paulo, que têm circulação nacional e são lidos pela classe média letrada do Brasil.

## Os verbetes do Aurélio

A *listagem das palavras-entrada*, ou a organização da macroestrutura do dicionário, deve fundamentar-se num claro conceito de palavra (unidade léxica) para que o lexicógrafo possa selecionar os lemas de entrada conforme critérios sancionáveis pela lexicologia. Assim sendo, faz-se necessário, por parte do dicionarista, uma noção clara do que é uma unidade lexical. O lexema é uma entidade abstrata que se manifesta ao nível do discurso de modo bem diversificado por ser o português uma língua flexiva. Ademais, nas realizações discursivas as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um sintagma discursivo livre são muito difusas, exigindo do lexicógrafo uma boa formação teórica para poder decidir entre casos limítrofes. Mais ainda: a definição de palavra levanta problemas teóricos com conseqüências práticas na sua identificação e tratamento ortográfico e lexicográfico. Por ser o sistema ortográfico do português cheio de incongruências e por ser a tradição gráfica pejada de critérios não-científicos, o lexicógrafo enfrenta problemas muito difíceis no levantamento das unidades léxicas que comporão a nomenclatura do seu dicionário. A isso se vem agregar o fato de que a lexicalização das unidades complexas não se verifica de modo uniforme. Dado o fato de que o léxico é um sistema aberto em perpétuo movimento, sempre suscetível a mudanças e a expansões infinitas, combinatórias discursivas freqüentes incessantemente vêm incorporar-se ao tesouro lexical da língua. Todos esses problemas somados, o lexicógrafo enfrenta uma difícil tarefa na seleção das palavras-entrada e na sua ordenação estrutural. Aurélio não realizou um trabalho isento de erros, dado o fato de ele não possuir essa fundamentação teórica. A seu favor, conta tam-

bém o fato de que ele estava realizando sua obra no início da década de 1970 e desde então o léxico do português já mudou bastante, sobretudo nesse aspecto.

Vejamos algumas impropriedades, mas também adequações que respigamos sobre esta matéria.

Aurélio deu entrada em *água* a *água destilada*, *água mineral*, *água oxigenada*, *água potável*, mas deu entrada separada para *água-de-colônia*, *água-de-coco* e *água-forte*. Considerou, portanto, que, no primeiro caso, as formas elencadas são modalidades de existência da *água* e que, no segundo, a presença do significante *água* se deve à reutilização do significante *água* por economia lingüística; donde resultaram lexias formadas por processos de criação morfolexical que se baseiam na metonímia e na metáfora. Concordo plenamente com sua decisão. Contudo, *dona de casa* aparece como subentrada de *dona*, o que não deveria ser, já que se trata de um significado autônomo que remete a um referente diverso de *dona*. Nesse caso, a economia lingüística também determinou a reutilização do mesmo significante. Aurélio agiu da mesma forma em *ar condicionado* que entra sob *ar*, *assistência social* que entra sob *assistência* e *folha corrida* sob *folha*. Julgo que *ar condicionado*, *folha corrida* e *assistência social* deveriam ter entrada independente, pois remetem a referentes bem distintos daqueles da palavra-entrada. Em muitos outros casos, sobretudo quando se trata de referentes da flora brasileira, mas também em outros verbetes, Aurélio deu entrada individual, como por exemplo: *capim-açu*, *capim-amargoso*, *capim-bambu*, *capim-guiné*, *castanha-do-pará*, *castanha-do-maranhão*, *cereja-das-antilhas*, *cereja-do-rio-grande*. Exemplos que não são da flora: *capitão-de-corveta*, *capitão-de-fragata*, *capitão-mor*, *capitão-do-mato*, *língua-de-gato*, *língua-de-sogra*, *língua-de-trapos*, *língua-de-vaca*, *olho-de-boi*, *olho-de-gato*, *olho-d'água* etc. Em princípio se tem a impressão que Aurélio individualizou a entrada quando se tratava de um referente diferente em cuja nomeação fora utilizada uma base lexical do acervo já existente. Mas não é bem assim. *Capitão-do-mato* não é um *capitão*, porém os demais são variedades dessa categoria: *capitão-de-corveta*, *capitão-de-fragata*, *capitão-mor*. Os referentes *capim-açu*, *capim-amargoso*, *capim-bambu*, *capim-guiné* são variedades de *capim* – por que dar entrada em separado? *Céu da boca* é uma metáfora composta a partir do significante *céu*; é melhor incluí-lo sob *céu* como fez Aurélio ou considerar que se trata de referente muito distinto como fez nos outros casos? *Linha de transmissão* e *linha de montagem* são subentradas de *linha*; *linha-dura* e *linha-bloco* são entradas independentes. Portanto,

ora prevalece o critério da identidade da forma (significante), ora da individualidade do referente.

Outra crítica relativamente à unidade lexical e entrada correlata. Aurélio abriu entradas independentes para *guisa* e *soslaio*, vocábulos já desaparecidos de há muito da língua portuguesa. Temos aqui fósseis lexicais que só existem hoje nas locuções à *guisa de* e *de soslaio*. Logo, não se justificam os lemas *guisa* e *soslaio* que deveriam ser substituídos por à *guisa de* e *de soslaio*. Nesses e em vários outros casos, mestre Aurélio deixou-se levar pela tradição lexicográfica. A meu ver, nem mesmo no século XIX se justificava o registro dessas entradas como fez Aurélio, pois as palavras *guisa* e *soslaio* já estavam mortas. Aurélio é muito fiel aos lexicógrafos que o precederam, quando deveria ter tomado decisões distintas da tradição, uma vez que descrevia o léxico contemporâneo e não o léxico do passado.

Na *microestrutura* do dicionário é preciso considerar sobretudo os seguintes pontos: 1) as definições e o conteúdo do verbete e 2) a seleção e ordenação das acepções no caso de palavras polissêmicas.

Com respeito às definições da palavra-entrada, uma primeira crítica ao Aurélio é o fato de ele usar muitas vezes palavras eruditas na definição, chegando até a empregar palavras mais “difíceis” do que a da palavra-entrada. O vocabulário utilizado nas definições deveria ter sido escolhido com cuidado. Além disso, as definições de termos científicos e técnicos geralmente são inadequadas para o grande público. Tem-se a impressão que a definição foi redigida por um especialista na área, ou foi copiada de um dicionário técnico-científico, sem nenhuma adaptação para o consulente comum. Ora, o dicionário de língua não é feito para especialistas mas para leigos. São particularmente criticáveis as definições na área da botânica, da zoologia, da biologia, da medicina etc. Convém lembrar ainda que os verbetes de termos técnico-científicos no *Aurélio* não contêm nenhuma abonação ou exemplo, diversamente das palavras da língua comum e dos domínios das humanidades. No caso das ciências biológicas e médicas, astronomia, ciências exatas etc., um exemplo seria mais apropriado do que uma abonação ou documentação. Vou dar uns exemplos para explicitar.

Verbete: *fagáceas* no *Aurélio*: S. f. pl. Bot.

1. Família de plantas superiores, constituída de árvores cujas flores unissexuais se dispõem em glomérulos ou em amentos. Flores masculinas com três a sete sépalas e outros tantos estames; flores femininas com três carpelos concrecentes; fruto seco e indeiscente, envolvido por uma cúpula.

la receptacular. Há cerca de 400 espécies peculiares aos climas temperados, quase todas do hemisfério norte.

Compare-se com esta definição glosada do dicionário do espanhol *Salamanca*:

*fagáceo* adj/s.f. 1. Bot. [árvore, arbusto] que tem folha perene ou caduca, denteada ou lobulada e fruto seco. *O carvalho, a castanheira e a avelaneira são árvores fagáceas.* // s.f. 2 (no plural). Bot. Família destas plantas.

Nessa segunda definição temos o mínimo de informação técnica, o suficiente para respeitar a verdade científica mas não um excesso de termos técnicos que atrapalham em vez de ajudar na compreensão. Além disso, formula-se um exemplo simples com dados possivelmente conhecidos do consultante para orientá-lo no entendimento do verbete.

Veja-se agora exemplos da biologia.

Verbete: *fagocitose* no *Aurélio*: [De fagócito + -ose] s.f. Citol.

1. Ingestão e destruição de uma partícula sólida ou de um microrganismo por uma célula.

Verbete: *fagócito* [De fag(o)- + -cito] s.m. Citol.

1. Célula que realiza a fagocitose.

A definição glosada do dicionário do espanhol *Salamanca* de ambos esses termos:

*fagocitose* s.f. Biol. Propriedade de determinadas células ou fagócitos de apoderar-se das e digerir as partículas nocivas do organismo. *As células mortas como produto da fagocitose formam o pus.*

*fagócito* s.m. Biol. Célula capaz de absorver um corpo estranho para digerir-lo e destruí-lo. *Os fagócitos dos organismos superiores são uma barreira defensiva contra os agressores.*

No *Aurélio* a definição de *fagócito* remete a *fagocitose* e depende desse verbete para sua compreensão; ainda assim o entendimento não é cristalino por causa dos termos empregados (ingestão, microrganismo), além de insuficiente.

Quando a palavra tem vários sentidos, um problema muito complicado é isolar os principais sentidos sem se deixar levar pelas conotações resultantes do contexto, isto é, individualizar apenas significados

básicos em que, de fato, se pode reconhecer semas diferentes. Creio que, muitas vezes, essa constitui uma fragilidade do *Aurélio*. Em vez de tentar fazer esse esforço de separação e ordenação, ele prefere ir expandindo o verbete e acrescentando mais e mais acepções quando várias dentre elas poderiam ser incluídas em outras. Vou dar um exemplo característico que ocorre com os verbos muito polissêmicos porque muito freqüentes. Veja-se o verbo *deixar*. Aurélio registrou 32 acepções sem contar as expressões idiomáticas (que ele não identifica dessa maneira). Apesar de alongar muito este artigo, vou reproduzir o verbete do *Aurélio* para melhor evidenciar minhas objeções.

Verbete: *deixar* [Do ant. *leixar*.] V. t. d.

- 1 *Sair de; afastar-se, retirar-se: Deixar a sala.*
- 2 *Separar-se, apartar-se de: deixar os companheiros.*
- 3 *Ausentar-se: Deixar a pátria.*
- 4 *Sair de; desviar-se de: Deixar a estrada principal.*
- 5 *Não continuar a reter; não conservar mais; largar, soltar: Deixar a presa.*
- 6 *Abandonar, desprezar: Deixar a mulher.*
- 7 *Desistir de; renunciar a: Deixar honrarias.*
- 8 *Pôr de parte; não considerar; esquecer, abstrair: Deixemos este ponto da questão.*
- 9 *Afastar, arredar, desviar, repelir: Deixe estes devaneios bobos.*
- 10 *Não obstar; permitir, consentir: Deixou que o apanhassem.*
- 11 *Adiar, delongar: Deixemos por enquanto este negócio.*
- 12 *Dar como lucro ou proveito; render: O empreendimento deixou pouco dinheiro.*
- 13 *Largar, abandonar; exonerar-se, demitir-se: Deixar o emprego.*
- 14 *Não referir; omitir: Deixar os pormenores.*
- 15 *Desabituar-se de: Deixar o vício do jogo.*
- 16 *Ser despojado de; perder: Deixar a vida. A planta deixa as suas folhas.*
- 17 *Desertar de; abandonar, abjurar: Deixar o partido, a religião.*
- 18 *Transmitir, comunicar; imprimir, infundir: O prato deixou um sabor picante. Esta música deixa uma ponta de nostalgia.*
- 19 *Causar, ou transmitir, ao ausentar-se ou morrer: Deixar saudades. Deixar exemplos.*
- 20 *Transmitir como legado1 (1), ou (caso não haja testamento) como natural consequência da morte, automaticamente: Morreu, deixando uma fortuna.*
- 21 *Transmitir como legado1 (2): O modernismo como revolução não deixou monumentos literários. Deixou Tchecov umas 300 histórias curtas.*
- 22 *Tornar possível; facultar: O nevoeiro mal deixava enxergar o caminho.*  
V. *transobj.*

- 23 *Fazer que fique (em certo estado ou condição); tornar: Deixei-o alegre. A transação deixou-o rico.*
- 24 *Instituir, constituir, nomear: O avô deixou-o por herdeiro.*  
V. t. i.
- 25 *Cessar, desistir: Por que deixou de estudar?*
- 26 *Fugir a; evitar: Não posso deixar de agir assim.*  
V. t. d. e i.
- 27 *Transferir, legar: O pai deixou-lhe uma casa.*
- 28 *Pôr à disposição de; ceder: Deixou-me o seu lugar.*
- 29 *Não privar, não despojar (de alguém ou de algo): Levei o que me mata ou me invalida,/ Mas deixai-me a saudade, que esta vida/ Só bem se vive morto de saudade.*  
V. p.
- 30 *Cessar, desistir; abster-se: Deixe-se de palavras e procure agir.*
- 31 *Separar-se, apartar-se: Viveram juntos, sem nunca se deixarem.*
- 32 *Não obstar ou resistir; consentir, permitir: Deixar-se prender.*

\*\* Deixar a desejar.

1. Não corresponder ao que se esperava, ou ao que seria de esperar.  
Deixar atrás.
1. Não mencionar, omitir.
2. Exceder, superar, suplantar.  
Deixar cair. Bras.
1. V. deixar correr.  
Deixar correr.
1. Deixar que aconteça.
2. Não fazer caso de. [Sin.: deixar cair, deixar ir.]  
Deixar de fora.
1. Não dar oportunidade de participar; excluir.  
Deixar ir.
1. V. deixar correr.  
Deixar para lá.
1. Não fazer caso de; não se incomodar com.  
Deixar passar.
1. Não impedir que passe.
2. Admitir, tolerar.  
Deixar perceber.
1. Dar a entender.  
Deixar ver.
1. Mostrar, apresentar; demonstrar.

Aurélio detalhou muito e de modo inadequado. Julgo que a opção que fez (imitando Francisco Fernandes) de identificar e separar as acepções a partir da sintaxe do verbo não foi a melhor decisão. De fato, em se tratando de lexicografia, a semântica deve comandar e a sintaxe vir em

segundo lugar mesmo no caso do verbo. Isso porque a primeira coisa que um consulente quer saber é qual o significado da palavra. Não é que a sintaxe não seja importante; claro que é. Contudo, freqüentemente, esse critério obrigou Aurélio a idas e vindas no estabelecimento das acepções porque deu prioridade para a forma sintática, repetindo o mesmo valor semântico, com uma pequena nuance, fenômeno que ocorre quando muda a regência do verbo. Como Fernandes, Aurélio discriminou quatro classes: 1) o verbo *deixar* como transitivo direto; 2) o verbo *deixar* como transitivo indireto; 3) o verbo *deixar* como transitivo direto e indireto; 4) o verbo *deixar* como pronominal. Ele se fundamentou no dicionário de Fernandes em muitos outros aspectos – isso é evidente também nas definições (sinônimos usados) – os próprios vocábulos usados copiam Fernandes. Dessa forma, Aurélio reproduz definições que não são ideais; ver, por exemplo: as acepções numeradas como 12, 13, 14, 15, 24, 25, 26, 27, 28, 32. E, ao usar tais vocábulos, Aurélio incorreu em outra impropriedade lexicográfica: várias dentre elas são palavras pouco usadas; seria melhor que Aurélio tivesse usado um vocabulário mais restrito, servindo-se apenas das palavras mais freqüentes da língua para elaborar suas definições. Em vez das 32 acepções elencadas por Aurélio, proponho a seguinte estruturação do verbete:

**deixar** v. 1. Não intervir, mantendo alguém ou alguma coisa em um estado, um lugar, uma situação. t.d. Deixe as coisas como estão para ver como ficam. Vou deixar o cabelo crescer. Deixe o menino em paz! O homem deixou os filhos cuidando da roça.

2. Abandonar; pôr de lado. t.d. João deixou a mulher. Deixou o partido há tempos. João deixou a estrada e pegou um atalho.

3. Não se ocupar de; pôr de lado. t.d. Deixemos este aspecto do problema.

4. Cessar de; não fazer; desistir (seguido da prep. *de*). t.i. Ele deixou de fumar. Marta deixou de tomar a pílula. Por que deixou de estudar? Não posso deixar de agir assim. Deixe-se de lamúrias e aja. t.d.i. (pron.).

5. Sair de um lugar; afastar-se de um lugar. t.d. Deixou o escritório cedo. Deixou a sala imediatamente.

6. Separar-se t.d. (pron.). Viveram juntos sem nunca se deixarem.

7. Não impedir de; permitir. t.d. a) seguido de verbo no infinitivo com sujeito próprio: Deixou-o partir. (pron.). Deixou-se enganar. Deixei-me levar por sua argumentação. b) seguido de oração subordinada introduzida pela conj. *que*: t.d. A mãe deixou que as crianças brincassem no parque. Deixou que a polícia o pegasse.

8. Entregar ou confiar a alguém ao partir. t.d.i. Deixe as chaves com o porteiro. Fábio me deixou um cheque de cem reais.

9. Dar, ceder para outra pessoa. t.d.i. Deixou seu lugar para mim. Deixe uns brinquedos para seu irmão.
10. Passar, transmitir, dar alguma coisa a (para) alguém. t.d.i. Morreu deixando uma fortuna para os filhos. Sua visita deixou-nos saudade.
11. Tornar; fazer ficar. t.d. A transação na bolsa deixou-o rico. A chuva deixou a terra encharcada.
12. Adiar. t.d.i. Resolvi deixar a limpeza para amanhã. Deixou a compra do carro para o mês seguinte.

Em primeiro lugar, convém explicar que não estou usando critério cientificamente mais adequado para classificar o verbo (segundo suas valências e argumentos) porque estou tentando colocar-me na perspectiva de Aurélio.

Embora se possa questionar a ordem das acepções registradas no modelo que proponho antes, reduzi as 32 acepções de Aurélio para 12. Pode-se constatar que muitas das acepções listadas por ele podem ser incluídas em outras como por exemplo: 1 e 2 numa só; 13 e 15 em 6; 14, 17 e 30 em 8; 19, 20 e 21 poderiam ser fundidas numa só dando maior abrangência para a definição; 31 em 2; 32 em 10. Outras deveriam ser eliminadas, como 3, 12, 16, 18, 24, 29. Alguns dentre esses casos são repetições de versões lexicográficas tradicionais desde o *Aulete* que os nossos *corpora* não registram; talvez tenham sido usos do português europeu. Quanto às *expressões idiomáticas* arroladas ao fim do verbete, *deixar cair* e *deixar ir* deveriam ser eliminadas porque não o são. Junto com *deixar de fora* deveria incluir *deixar de lado*, que é uma variante; em *deixar para lá*, incluir as variantes *deixa lá* e a popular *deixa pra lá*. Faltam ainda, pelo menos, as seguintes expressões idiomáticas: *deixar (muito) a desejar*, *deixar (alguém) de cabelo em pé / deixar (alguém) de cabelo(s) branco(s)*, *deixar de fita*, *deixar estar*, *deixar filho(s) [herdeiro(s), descendente(s)]*, *deixar margem*, *deixar na mão*, *deixar o dito pelo não dito*.

Evidentemente um exemplo é muito pouco para se comentar em um dicionário geral; porém, dada a impossibilidade de expandir demais meus exemplos, quis tão-somente ilustrar a questão.

Uma obra do porte do *Aurélio* requer uma análise mais profunda do que a que foi feita aqui. Não gostaria de concluir deixando a impressão de que só se encontram defeitos nesse dicionário. Se ele não tivesse méritos não teria alcançado o sucesso que obteve. Mas também é verdade que seu sucesso é parcialmente pela ausência de concorrentes, como assinaléi antes quando discuti o momento histórico de transição do PDBL para o *Aurélio*. Nós, brasileiros, precisamos de um dicionário

razoavelmente atualizado que registre o vocabulário e os usos do Português do Brasil. Portanto, não existindo mais o PDBLP a partir de 1967, a sociedade brasileira adotou o *Aurélio* como fonte de informação e consulta sobre o léxico do Português do Brasil. A bem da verdade, é preciso dizer que existiam outros concorrentes, outros dicionários com um número bastante grande de verbetes: o dicionário *Melhoramentos*, o *Koogan-Larousse* (desde a década de 1970) e outros menores. E também é verdade que todos eles eram inferiores ao *Aurélio*, não só com respeito à atualização mas sobretudo com relação ao conteúdo. Por isso o *Aurélio* manteve-se soberano.

Quero concluir rendendo meu preito ao mestre que, laboriosa e dignamente, auxiliou gerações de brasileiros a entender melhor sua língua e a escrever com mais propriedade. Terminando citando a saudosa professora de português da USP, Edith Pimentel Pinto: “Todos os autores podem aspirar ao louvor; os lexicógrafos, somente escapar das censuras”.

BIDERMAN, M. T. C. *Aurélio: synonym of dictionary? Alfa (São Paulo)*, v.44, p.27-55, 2000.

- **ABSTRACT:** *This article describes the lexicographic activities of A. B. de Holanda Ferreira prior to the publication of his famous dictionary when he was a collaborator, the main editor and proofreader of the Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, dictionary that was the predecessor of the Aurélio as the most important lexicographical consulting source for Brazilians from 1938 to 1975. Criticism of the Aurélio dictionary is studied here and is shown to be appropriate. An examination of the nomenclature of Aurélio reveals the inadequacy of criteria used in the selection of word-entries. The microstructure of the dictionary articles is then analysed, particularly the definitions, the ranking of acceptations for polyssemic words, as well as the inadequate criteria in the discrimination of homonyms.*
- **KEYWORDS:** *Aurélio dictionary; nomenclature or macrostructure of the dictionary; microstructure of the dictionary; analysis of dictionary entries.*

## Referências bibliográficas

- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística* (lingüística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Lexicografia e lexicologia*. Suplemento Alfa. São Paulo: Editora UNESP, 1985.

- BIDERMAN, M. T. C. Polissemia versus homonímia. In: *Anais do XXXIX Seminário do GEL*. Franca, 1991, p.283-90.
- \_\_\_\_\_. A definição lexicográfica. *Cadernos de Letras*, Instituto de Letras, UFRGS, n.10, p.23-43, jul. 1993.
- \_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1998.
- BOLÉO, M. de P. *Brasileirismos, problemas de método*. Coimbra: Coimbra Editora, 1943.
- CALDAS AULETE, F. J. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1881.
- CORAZZARI, O. *Phraseological Units*. Consiglio Nazionale delle Richerche. Istituto di Linguistica Computazionale. Network of European Reference Corpora (NERC). serial n.68. Pisa, 1992. (Manuscrito).
- COSTA, J. A., SAMPAIO e MELO. *Dicionário da língua portuguesa*. 7.ed. Porto: Porto Editora, 1994.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, C. *Que é um brasileiro?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- DIAZ, O. Observations sur les expressions lexicalisées. *Cahiers du Centre Interdisciplinaire des Sciences du Langage (Toulouse)*, n.5, p.139-52, 1983-1984.
- DICCIONARIO SALAMANCA de la lengua española. Madrid: Santillana/Universidad de Salamanca, 1996.
- DUBOIS, J. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.
- FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. Rio de Janeiro, Porto Alegre: Globo, 1942.
- FERNANDEZ-SEVILHA, J. *Problemas de lexicografia actual*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1974.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DICCIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- GROSS, M. Les limites de la phrase figée. *Langages Paris*, n.90, p.7-22, 1988.
- MORAES SILVA, A. de. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813 (fac-simile feito no Rio de Janeiro em 1922).

- OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Araraquara, 1999. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO da língua portuguesa. Rio de Janeiro, São Paulo: Civilização Brasileira, 1938.
- PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO da língua portuguesa. [Organizado por Hildebrando Lima e Gustavo Barroso. Inteiramente revista e consideravelmente aumentada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira]. 6.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Civilização Brasileira, 1946.
- PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO da língua portuguesa. [Organizado por Hildebrando Lima e Gustavo Barroso. Inteiramente revista e consideravelmente aumentada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira]. 9.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Civilização Brasileira, 1951.
- PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO da língua portuguesa. [Supervisionada e consideravelmente aumentada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira / com a assistência de José Baptista da Luz]. 11.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Civilização Brasileira, 1967.
- PETIT ROBERT. Paris: Le Robert, 1994.
- PICOCHÉ, J. *Précis de lexicologie française*. L'étude et l'enseignement du vocabulaire. Paris: Nathan, 1992.
- PINTO, E. P. Novo Aurélio. Acréscimos e omissões da nova edição. *O Estado de S. Paulo*, n.347.
- SANDMANN, A. J. Críticas ao Aurélio. *Letras (Curitiba)*, Editora da UFP, n.39, p.291-7, 1990.
- SILVA, A. S. da. Homonímia e polissemia: análise sêmica e teoria do campo léxico. In: XIX CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA ROMÂNICA. Santiago de Compostela, set. 1989.